

UM EXERCÍCIO TRANSDISCIPLINAR: A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM UM POEMA DE *MENSAGEM*, DE FERNANDO PESSOA

Gustavo Machado Costa

RESUMO[©]

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma das possibilidades de abordagem do texto literário: como eixo transversal para a construção de conhecimentos de outras áreas do saber. Para tanto, utilizar-se-á um poema de **Mensagem**, de Fernando Pessoa (*O dos castelos*, de "Brasão"), a fim de estabelecer, por meio da problemática da representação do espaço, uma "religação de saberes" entre o texto literário e a geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Mensagem, transdisciplinaridade, geografia.

INTRODUÇÃO

No capítulo intitulado *A Literatura: um "fio de Ariadne" no labirinto do ensino neste limiar de milênio?*, da obra **Literatura: arte, conhecimento e vida**, Nelly Novaes Coelho desenvolve, com base nos preceitos de Edgar Morin, uma proposta de currículo transdisciplinar que se apresentaria como um dos novos rumos para uma reforma do sistema educacional vigente. Esse sistema, fundamentado na concepção clássica de ensino, que visa ao acúmulo de conhecimentos não relacionados, seria substituído por uma nova estrutura educacional que privilegiaria a inter-relação e interdependência entre diversos ramos do conhecimento.

Tal proposta teria como "eixo" ou "disciplina transversal" a literatura. Isso se justifica na medida em que todo texto literário tem como base a realidade, ou seja, o mundo tal como é constituído através da experiência sensível. A literatura, concebida como uma representação muito particular da realidade, permite apreender diversos "saberes essenciais" necessários a todos. Saberes que, no entanto, não se encontram apenas no âmbito do

conhecimento que compõe a realidade sensível, pano de fundo de toda arte.

A arte, como produto humano no qual se efetua uma transfiguração da realidade, muitas vezes veicula respostas para perplexidades do homem, como o sentido da vida, o amor, a morte. Por isso Nelly Novaes Coelho, apoiando-se em Edgar Morin¹, refere-se à literatura como escola de vida "para crianças e adolescentes, onde eles aprendem a se reconhecer a si mesmos".

O presente artigo objetiva demonstrar uma possibilidade de abordagem transdisciplinar. Para tal fim, selecionou-se o poema *O dos castelos*, de **Mensagem**, de Fernando Pessoa, tendo-se definido como "problemática-eixo" ("tema transversal") que propiciará a interpenetração das disciplinas, a representação do espaço no texto. É, portanto, na área da geografia que se fará o entrelaçamento com a "disciplina-base", que é a literatura.

A escolha de um poema pessoano justifica-se na medida em que Fernando Pessoa foi capaz de expressar a angústia do homem contemporâneo frente a um mundo que não é mais passível de ser compreendido através de uma visão totalizadora². Nesse sentido, haveria na obra de Pessoa a representação de um momento de caos, um momento de mudança, equivalente ao que se vive hoje, o que torna bastante apropriado o seu estudo. Além disso, a idéia, veiculada em **Mensagem**, de que a aparente decadência não significa apenas destruição, mas o tempo que precede uma nova ordem que irá emergir, também fortalece a idéia de que o caos vivido atualmente marca a necessidade de uma nova maneira de encarar o conhecimento, que passa necessariamente pela idéia de transdisciplinaridade.

Antes, porém, de passar ao estudo específico do poema e à(s) sugestão(ões) para

efetuar esse entrelaçamento, faz-se necessário apresentar algumas considerações sobre o autor e a obra da qual o poema faz parte.

1 Sobre o Autor

Segundo os dados biográficos apresentados pelos críticos Carlos Felipe Moisés³ e João Gaspar Simões⁴, Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888, tornando-se órfão de pai aos cinco anos de idade. Em 1896, parte para a África do Sul, onde faz os estudos primários e secundários em escolas inglesas. Em 1905, rumo para Lisboa, matriculando-se um ano depois no Curso Superior de Letras, o qual abandona no primeiro semestre. Resolve, então, tornar-se tipógrafo e editor, adquirindo o material necessário e fundando uma tipografia que não chega a funcionar. Além disso, procura estabelecer-se como astrólogo profissional, função com a qual não obtém muito êxito. É somente em 1908 que passa a exercer a atividade de “correspondente estrangeiro”, isto é, funcionário avulso, encarregado da correspondência comercial, em inglês e francês, de firmas estabelecidas em Lisboa. É por meio dessa atividade que irá se sustentar por toda a vida.

Pessoa faz sua estréia, em 1912, na revista **A Águia**, na qual colabora como crítico de literatura e também de artes plásticas. Em 1915, lidera o grupo de moços que publica **Orpheu**. Além disso, dirige a revista **Athena** (1924-1925) e colabora em revistas como **Centauro**, **Exílio**, **Portugal Futurista**, **Contemporânea** e **Presença**, na qual tem seu nome e sua obra reconhecidos e prestigiados.

No ano que antecede sua morte, o ano de 1934, finalmente decide pela publicação de **Mensagem**, um de seus projetos mais constantes (data aproximadamente de 1913), e único livro de poemas escritos em língua portuguesa que publicou em vida. Nesse mesmo ano, o Secretariado de Propaganda Nacional Português instituiu o prêmio literário “Antero de Quental”, a fim de que fosse escolhido o melhor livro de poesia nacionalista portuguesa. Por insistência dos amigos, decide concorrer, obtendo apenas o prêmio de “segunda categoria”. **Romaria**, do padre franciscano Vasco Reis, foi a obra vencedora –

escolha baseada, conforme informou o *Diário de Lisboa* de 4 de janeiro de 1935, no número de páginas das duas obras.

Fernando Pessoa vem a falecer no dia 30 de novembro de 1935, no Hospital São Luís, em Lisboa. Segundo António José Saraiva e Óscar Lopes⁵, apenas no ano de 1942, em que são lançados tanto uma antologia em dois volumes, organizada por Adolfo Casais Monteiro, quanto o livro **Obras completas**, em 11 volumes, elaborado por Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, é que o poeta recebe o reconhecimento como a personalidade mais importante das tendências modernistas portuguesas.

2 Fernando Pessoa e seu tempo

Os poetas do Orfismo, dentre eles Pessoa, tinham por principal objetivo romper com a estagnação cultural na qual se encontrava Portugal, aproximando as produções nacionais das modernas correntes artísticas europeias⁶. Essas inovações estéticas tinham também o intuito de expressar a angústia em que se encontra todo o Ocidente nesse momento.

Conseqüência da frustração trazida pelos aspectos negativos do “progresso”, tais como desorganização geral, distúrbios e conflitos sociais e deterioração dos valores e instituições, tal angústia não é o único sentimento que pode ser apreendido em sua obra. Há um outro, relacionado mais ao âmbito português, que terá maior vinculação à obra **Mensagem**. Tal sentimento, como afirma Carlos Felipe Moisés, corresponde à decadência de Portugal no que diz respeito a seu poder e soberania.

O indício mais significativo dessa decadência foi o episódio, ocorrido em 11 de janeiro de 1890, conhecido como *Ultimatum*, que correspondeu à exigência do império britânico para que Portugal retirasse suas tropas da região do Xire, na África. Caso os portugueses não obedecessem a tal ordem, os ingleses declarariam guerra à nação. A subserviência do governo português à exigência inglesa indicou com clareza que Portugal já não possuía o respeito e o poder conquistados com o império que havia erguido entre 1415 – ano da tomada de Ceuta, início da expansão marítima portuguesa – e 1580 – começo do

domínio espanhol.

Uma das conseqüências imediatas do episódio foi o crescimento das lutas antimonárquicas em Portugal, que culminam no assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro. D. Manuel II, sobrevivente do morticínio, assume o trono, sendo deposto em 5 de outubro de 1910, ano em que é proclamada a República. O clima de desordem permanece até que, em 1932, Antônio de Oliveira Salazar, “presidente do ministério”, instaura o Estado Novo em Portugal.

Uma segunda conseqüência correspondeu ao ressurgimento do Sebastianismo. Crença portuguesa que vigorou intensamente no século XVII, o Sebastianismo consiste na idéia de que D. Sebastião, desaparecido em 1568 na batalha de Alcácer-Quibir, não estaria morto, mas sim escondido. A dominação espanhola, subsequente ao desaparecimento do rei, seria apenas uma prova de fé, pela qual Portugal deveria passar para recuperar seu esplendor. Disseminado primeiramente através de quadras populares, atribuídas a um sapateiro de nome Gonçalo Bandarra, o Sebastianismo passa, aos poucos, do âmbito de credence popular para o âmbito de pensamento messiânico. Em alguns sermões do Pe. Antônio Vieira já se observa a vinculação da figura do jovem rei à do Messias (o Salvador) e às profecias de Daniel que falam sobre o Quinto Império, o Império definitivo de Cristo na Terra.

Pessoa mostra-se inclinado a esse pensamento messiânico desde sua vinculação à revista **A Águia** e, conseqüentemente, à sua vertente filosófica: o Saudosismo. Essa inclinação culmina em **Mensagem** – note-se o fato de que a terceira parte da obra é denominada “O Encoberto”.

Vistos alguns aspectos relevantes para a compreensão da obra pessoana, tratar-se-á agora de **Mensagem**, no que diz respeito à sua estrutura e significado.

3 **Mensagem**: um breve comentário

Quanto ao aspecto formal, a obra é dividida em três partes (“Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto”). As partes não

apresentam simetria nem uniformidade. “Brasão” contém 19 poemas e se subdivide em cinco seções: “Os Campos” (2 poemas), “Os Castelos” (8), “As Quinas” (5), “A Coroa” (1) e “O Timbre” (3). A segunda, “Mar Português”, apresenta 12 poemas, sem subdivisões. “O Encoberto” é constituído por 13 poemas distribuídos por três seções: “Os Símbolos” (5 poemas), “Os Avisos” (3) e “Os Tempos” (5). Para o crítico Carlos Felipe Moisés⁷, a subdivisão das partes em seções permite supor que as partes I e III implicam maior complexidade em relação à parte II, e ainda, que na primeira parte essa complexidade é mais acentuada que na III. Isso porque a compreensão de cada poema estaria subordinada ao sentido da seção e, conseqüentemente, do conjunto maior no qual ela se insere.

Para Moisés, a forma como **Mensagem** é estruturada funcionaria como metáfora de uma determinada interpretação da História de Portugal. A complexa realização formal de “Brasão” justificar-se-ia por sua temática: a formação da nação portuguesa, sua expansão territorial, chegando até os descobrimentos – “fase árdua, difícil, plena de avanços e recuos”⁸. Tal temática pode ser inferida através dos títulos dos poemas que compõem algumas de suas seções.

Em “Os Castelos”, os poemas intitulados “Ulisses”, “Viriato”, “O conde D. Henrique”, “D. Tareja”, “D. Afonso Henriques”, “D. Dinis”, “D. João o primeiro” e “D. Filipa de Lencastre” correspondem aos nomes das figuras míticas fundadoras e dos primeiros monarcas, pertencentes à Dinastia de Borgonha (com exceção de D. João I e D. Filipa de Lencastre, da casa de Avis). “D. Duarte, rei de Portugal”, “D. Fernando, infante de Portugal”, “D. Pedro, regente de Portugal”, “D. João, infante de Portugal” e “D. Sebastião, rei de Portugal”, em “As Quinas”, são os nomes dos príncipes da Dinastia de Avis. Em “A Coroa”, “Nun’Álvares Pereira”, corresponde ao nome do heróico condestável de D. João I. Em “O timbre”, “A cabeça do grifo: o infante D. Henrique”, “Uma asa do grifo: D. João o segundo” e “A outra asa do grifo: Afonso de Albuquerque” remetem, respectivamente, ao fundador da Escola de Navegação em Sagres, ao perpetuador de sua obra e ao conquistador das Índias.

A ausência de subdivisões em “Mar

Português” – parte composta pelos poemas “O Infante”, “Horizonte”, “Padrão”, “O Mostrengo”, “Epitáfio de Bartolomeu Dias”, “Os Colombos”, “Ocidente”, “Fernão de Magalhães”, “Ascensão de Vasco da Gama”, “Mar português”, “A última nau” e “Prece” – remeteria à ausência de obstáculos da fase de apogeu e domínio⁹. Fase das viagens e da amplidão marítima, o período de apogeu e domínio pode ser relacionado a tal parte da obra pela referência a navegadores como Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães e Vasco da Gama.

“O Encoberto” referir-se-ia à decadência que se seguiu, ou seja, à fase contemporânea do poeta, “de desencontro e incerteza”¹⁰, como bem permite inferir a complexidade da organização formal. É nessa última que se fixam a figura de D. Sebastião e a idéia messiânica do Quinto Império, anteriormente referidos.

Essa estrutura também permite atribuir a **Mensagem** um caráter mítico. A idéia de que a decadência não significa o fim, mas o prenúncio de renovação do mundo remonta, segundo Mircea Eliade¹¹, aos mitos de eterno retorno. A decadência corresponderia a uma espécie de retorno ao Caos, que anunciaria a iminência de uma beatitude presente no tempo *primevo*, o tempo da criação. Ao ler o poema sob essa perspectiva, ele representaria, no caso de Portugal, seu restabelecimento como o último e maior dos Impérios.

Outra consideração importante a ser feita sobre **Mensagem** é que, apesar de tratar da História de Portugal, a obra não apresenta passagens dessa História. Isso porque **Mensagem** não é um poema narrativo. Ainda segundo o crítico Carlos Felipe Moisés, é uma reunião de vários poemas que tratam da mesma matéria, organizados de maneira a estabelecer a unidade do conjunto. Desse modo, as alusões feitas a fatos e personagens da História portuguesa não podem ser apreendidas sem o conhecimento desses, visto serem referidos ora de forma indireta e metafórica, ora apenas nos títulos dos poemas.

Conforme apontou Cleonice Berardinelli¹², há uma estreita relação entre **Mensagem** e outra importante obra da literatura portuguesa: **Os Lusíadas**, de Camões. Isso porque, além de ambos os textos

glorificarem a “grandeza de Portugal”, observa-se um diálogo entre alguns poemas de **Mensagem** e certos episódios d’**Os Lusíadas**. A maneira como Vasco da Gama conta a História de Portugal ao Rei de Melinde – Canto II – assemelha-se à maneira como é construído o poema primeiro de “Os Campos”, *O dos Castelos*.

4 Análise de *O dos Castelos*

A Europa jaz, posta nos cotovelos:

De Oriente a Ocidente jaz, fitando,

E toldam-lhe românticos cabelos

Olhos gregos, lembrando.

5 O cotovelo esquerdo é recuado;

O direito é em ângulo disposto.

Aquele diz Itália onde é pousado;

Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apóia o rosto.

10 Fita, com olhar esfíngico e fatal,

O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

Com relação à forma, o poema apresenta 12 versos, distribuídos em 4 estrofes com diferente número de versos (uma quadra, uma quintilha, um dístico e um monóstico). Tanto o número de versos quanto sua distribuição permitem afirmar que não há a utilização de nenhuma das formas fixas da tradição poética.

Com exceção do verso quatro, que possui 6 sílabas poéticas, a métrica é em decassílabos, predominantemente heróicos. É possível associar a métrica e o caráter solene da dicção do poema àquilo que o sujeito lírico está a apresentar: a localização de Portugal.

Além disso, a predominância de decassílabos heróicos já adiantaria a relação intrínseca que se estabelece entre ele (e **Mensagem** como um todo) e a epopéia camoniana, toda construída em versos decassilábicos.

As rimas são externas e consoantes (exceto entre os versos 10 e 12, em que são toantes). Quanto à sua distribuição, é cruzada no quarteto e do tipo CDCCD//EC//E no restante do poema. No que se refere à qualidade, é predominantemente pobre (rica entre os versos 6 e 9, 8 e 11, 10 e 12).

Considerando-se o significado, pode-se dizer que já no verso de abertura observa-se a presença de um sujeito lírico impessoal. Esse sujeito lírico não se insere em nenhum momento do poema. Sua “função” é apresentar, de um modo muito específico, o continente ao qual Portugal pertence: a Europa. A referência a Europa não só apresenta a função de marcar o nome do continente em que se situa Portugal, mas antecipa a imagem da mulher deitada sobre os cotovelos, em atitude esfíngica, chamando à cena a figura da donzela mitológica raptada por Zeus. Portanto, sugere uma função *alegorizante*.

A alegorização ainda sustenta uma prosopopéia, figura de pensamento que consiste em atribuir atitudes ou impulsos a coisas ou animais. Essa figura também é marcada no texto pelo verbo *jazer* e pelo campo semântico do corpo humano (“cotovelos”, v.1; “cabelos”, v.3; “olhos”, v.4; “mão”, v.9; “rosto”, v.9).

Mais ainda: pode-se dizer que todo o poema corresponde a uma metáfora. Isso porque o texto opera a transição de uma realidade – no caso uma extensão de terra cercada por águas oceânicas – para outra – a anatomia humana – a partir de elementos semelhantes existentes entre as duas – a localização das partes do continente (países) e a localização das partes do corpo. Essa similaridade é estabelecida principalmente no âmbito espacial, por meio dos sentidos de direção/orientação.

O caráter conotativo obtido por meio dos recursos estilísticos mencionados, bem como a forma como o sujeito lírico apresenta-se contaminam o poema de um aspecto mítico. Ao distanciar-se daquilo que apresenta, o sujeito lírico acaba por assemelhar-se ao narrador dos mitos de origem, que faz com que a história pareça estar se contando sem a interferência de um narrador. Além disso, a personificação do continente europeu assemelha-se às associações operadas, nos mitos “primitivos”, entre

divindades e elementos naturais. Nesse sentido, a Europa seria uma espécie de Deusa-Mãe geradora de Portugal, havendo, assim, um retorno ao tempo primordial, “o tempo fabuloso do ‘princípio’”. A correspondência entre o nome do continente e o nome de uma das figuras mitológicas da mitologia clássica, a Oceanida Europa, associa espaço e origem mítica. O caráter mítico que apresenta a origem de Portugal remeteria a um aspecto grandioso desde o surgimento, e também a um prenúncio de seu destino como último (e perpétuo) grande Império na terra.

Tal aspecto do poema também permite estabelecer um paralelo entre ele e a obra de Camões. Nota-se que se introduz a História de Portugal de maneira semelhante em ambos os textos, ou seja, apresenta-se uma Europa divinizada a fim antecipar o caráter mítico de sua origem:

Entre a zona que o Cancro senhoreia,
Meta setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela austral, o Mar Mediterrâneo.

e ainda

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que floresça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-os de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

O diálogo entre as duas obras é, pois, explícito. Essa retomada da epopéia camoniana sugere que, do mesmo modo como em **Os Lusíadas**, perpassará os poemas que correspondem, como já foi visto anteriormente,

às fases de formação e apogeu da nação portuguesa o sentimento de grandeza dessa nação.

Além disso, tais recursos permitem ainda observar um aspecto significativo a respeito do texto literário: o de figuração da realidade. Essa figuração não corresponde a uma réplica, mas sim a uma maneira especial de apresentar a realidade: uma transfiguração, da qual podem ser apreendidas as possíveis intenções do texto (no caso do poema, atribuir a Portugal uma supremacia a que estaria predestinado desde a origem), ou seja, a visão do mundo à qual obedece o poema, sua ideologia.

5 Representação do espaço e transdisciplinaridade

Após se efetuar o estudo analítico do poema, resta agora oferecer sugestões para que tanto o profissional da área das letras quanto o profissional de outras áreas, no caso a geografia e a história, possam utilizar o texto literário para efetuar a transdisciplinaridade proposta. Antes de apresentar tais possibilidades, cabe aqui frisar que, no caso das áreas relacionadas, serão feitas apenas sugestões de abordagem, cujo desenvolvimento e aprofundamento responda à necessidade dos especialistas na área.

Com relação à literatura, caberia ao professor do Nível Médio utilizar o poema para desenvolver o estudo de tópicos como conotação e figuras de linguagem, passíveis de serem observados no texto, como se apontou na análise realizada anteriormente.

No que diz respeito às possibilidades de abordagem do texto na geografia, a relação possível pode efetuar-se em dois níveis. O primeiro nível estaria na possibilidade de sobrepor a representação figurada à representação cartográfica. Isso poderia servir como uma forma de introduzir o estudo da divisão política dos países da Europa.

O segundo centrar-se-ia nas causas históricas e geográficas que teriam influenciado tanto na índole portuguesa, quanto, e principalmente, nas conquistas ultramarinas ocorridas nos séculos XV-XVI, que aparecem em **Mensagem**. A localização de Portugal, cercado ao norte e a leste pela Espanha e rodeado em suas demais

fronteiras (ocidental e meridional) pelo Oceano Atlântico, possibilitará ao homem português voltar-se para o mar - como se percebe, de forma metafórica, no poema. Esta seria uma causa possível para o pioneirismo que Portugal assume em relação aos estudos da arte de navegação, como bem exemplifica a criação da Escola de Sagres, e aos descobrimentos. Foi seu olhar, de certo modo obrigado em direção ao mar, que lhe garantiu a construção de um império que perdurou por mais de um século.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, portanto, que uma proposta de currículo centrada na transdisciplinaridade corresponde a um modo possível de substituir o sistema educacional vigente, baseado na memorização de regras e leis por relações entre áreas de conhecimento e complementaridade de saberes. Um ensino alicerçado nesse princípio permite que a aprendizagem não seja sinônimo de acúmulo de conhecimentos isolados, mas estabelecimento de inter-relações, bem como consciência do caráter relativo de certos conhecimentos.

A natureza artística do texto literário, que implica um caráter transfigurador da realidade, mas que necessariamente surge a partir das experiências frente ao mundo real, faz com que a literatura seja capaz de veicular não só saberes acerca de questionamentos humanos, como também conhecimentos sobre a realidade sensível. O poema *O dos castelos*, produto de convergência entre mundo exterior - localização geográfica de Portugal -, e mundo interior - caráter mítico presente na figuração desse espaço -, possibilita observar uma inter-relação entre fenômenos geográficos, históricos, sociais e culturais.

Utilizado como eixo transversal dessa proposta de currículo transdisciplinar, o texto literário assume a função de grande facilitador para uma nova estrutura de ensino tão necessária no momento atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Estudos de literatura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, [s.d.].

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOISÉS, Carlos Felipe. Roteiro de leitura: *Mensagem* de Fernando Pessoa. São Paulo: Ática, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto, [s.d.].

SIMÕES, João Gaspar. **História da poesia portuguesa do século XX**. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1959.

NOTAS

© Trabalho elaborado pelo aluno Gustavo Machado Costa do curso de Letras/Português da UFSM; membro do projeto Gabinete de Leitura / Laboratório CORPUS, coordenado pela Prof.^a Dr. Sílvia Carneiro Lobato Paraense. Trabalho apresentado na 1ª Reunião Regional da SBPC.

¹ COELHO, Nelly Novaes. A literatura: um “fio de Ariadne” no labirinto do ensino neste limiar de milênio? In: _____. *Literatura: arte, conhecimento e vida*.

² COELHO, Nelly Novaes. A poesia pessoana e a grande mutação do conhecimento no século XX. In: _____. *Literatura: arte, conhecimento e vida*.

³ MOISÉS, Carlos Felipe. Roteiro de leitura: *Mensagem* de Fernando Pessoa.

⁴ SIMÕES, João Gaspar. *História da poesia portuguesa do século XX*.

⁵ SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*.

⁶ MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*.

⁷ MOISÉS, Carlos Felipe. Introdução. In: PESSOA, Fernando Pessoa. *Mensagem*.

⁸ Idem, p. X.

⁹ Idem, p. X.

¹⁰ Idem, p. X.

¹¹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*.

¹² BERARDINELLI, Cleonice. *Mensagem*. In: **Estudos de literatura portuguesa**.